



LeYa

Uma **Bruxa Solitária**

LIVRO TRÊS

RUTH WARBURTON

Ficha Técnica

Copyright © 2012 Ruth Warburton

Tradução para a língua portuguesa © Texto Editores Ltda., 2015

Título original: A witch alone

Tradução: Débora Isidoro

Preparação de texto: Lyvia Felix

Revisão: Andréa Bruno

Adaptação de capa: Vivian Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Warburton, Ruth

Uma bruxa solitária / Ruth Warburton; tradução Débora Isidoro. – São Paulo: LeYa, 2015.

ISBN 9788544101957

Título original: A witch alone

1. Literatura fantástica 2. Literatura inglesa 3. Ficção

I. Título II. Isidoro, Débora

15-0210 CDD–823

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura fantástica inglesa

2015

Todos os direitos desta edição reservados à

LEYA EDITORA LTDA.

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 — Pacaembu — São Paulo - SP

www.leya.com.br

Outros livros de Ruth Warburton



Uma Bruxa na Cidade
Uma Bruxa Apaixonada

Para lan, por tudo.

CAPÍTULO UM

Estava escuro, mas senti que havia alguém ali assim que abri a porta do celeiro.

– Oi? – Minha voz ecoou nas vigas. – Olá?

Esperei um momento e fiquei ouvindo. Nada. Mas eu não estava sozinha, não precisava de bruxaria para saber disso; havia alguém ali – alguém vivo e que respirava – e perceber isso me deixou com os cabelos da nuca em pé.

Um longo e alto som agudo rompeu o silêncio e eu pulei, mas era só a porta do celeiro balançando lentamente atrás de mim, a madeira úmida rangendo com o movimento. Então ela fechou com um tranco e a escuridão invadiu o espaço amplo.

Eu não estava com medo: se eu não enxergava nada, ele também não. Fiquei parada esperando.

O golpe me atingiu em cheio, acertou-me com tanta força que eu cambaleei e vi estrelas. Caí contra uma viga de madeira e me agarrei a ela, mantendo-me ereta enquanto tentava reunir forças para um contrafeitiço.

– *Sl...* – balbuciei, mas a explosão de luz foi muito rápida e me jogou de joelhos sobre a palha.

Naquele breve e ofuscante segundo eu o vi, em pé sobre uma viga no centro do celeiro. A localização oferecia vantagens, mas era perigosa. Por um minuto fiquei deitada no chão imundo do celeiro, certa de que ele se preparava para mais um ataque.

Então, saltei.

– *Ábréode!* – gritei.

Houve um estalo ensurdecido da viga sobre a qual ele estava, seguido de um barulho de ossos quebrando e um grito de dor quando um corpo se chocou contra o chão.

Fiquei parada, arfante, esperando para ver se ele se levantava. Ele não se levantou e, por um momento, me senti triunfante. Então, fios formando uma rede sufocante começaram a cair da escuridão, grudaram em minhas mãos, meus olhos, minha boca. Quanto mais eu me debatia, mais os fios grudavam, como uma gigantesca teia de aranha que me prendia. Em pânico, disparei maldições inúteis a torto e a direito, contrafeitiços que não faziam nada além de queimar minha pele e rasgar minhas roupas. Ouvei uma risada debochada tremular na escuridão, e a fúria cresceu dentro de mim.

– *Unwríð!*

Os fios que me prendiam queimaram e eu concentrei toda minha fúria em uma lança de raiva, que disparei pela escuridão na direção da risada. Acertei: ouve o grito de dor.

Agora era a vez de ele ficar na defensiva. Tirei proveito da minha vantagem e o acertei de novo e de novo, golpeando-o com cada grama de magia que conseguia dominar.

Mas eu estava cansando, e ele não. Eu sentia sua energia e a força de sua magia enquanto o desconhecido resistia aos meus golpes. Então ele começou a abrir caminho pelo chão do celeiro em minha direção. Eu me concentrava em não machucá-lo, mas em mantê-lo afastado. E não conseguia. Ele me empurrava para trás, para trás, até minhas costas tocarem a madeira rústica da parede do celeiro. Ele estava tão perto que eu podia sentir a estática de sua magia, o calor de sua pele, sentir seu suor.

– Não! – arfei.

Contudo, era tarde demais – eu estava encurralada em um canto e ele, a centímetros de distância, esmagava-me. Senti quando ele se inclinou, mais e mais perto na escuridão abafada. Era o fim. Ele havia vencido.

– Tudo bem – disse, com a voz tremendo de exaustão. – Tudo bem, eu...

A mão dele segurou meu ombro, a outra agarrou meu cabelo, e ele me beijou.

Por um minuto não tive reação – fiquei ali parada, devastada, sem nenhuma defesa, e consenti seu beijo. Tudo que conseguia pensar era no calor de sua boca macia, na força rígida de seu corpo, na

rispidez da pele sem barbear em contato com a minha. Por um longo, longo minuto, não fiz nada além de ficar parada, tremendo, enquanto ele me beijava.

Só quando senti sua mão escorregar para baixo da minha blusa que a lucidez retornou. Uma forte explosão de magia estremeceu o celeiro. Seu corpo foi jogado para trás, bateu contra a parede oposta com um estrondo terrível, seguido de um silêncio absoluto.

– Meu Deus, Abe! – Minhas mãos tremiam enquanto eu tentava lembrar o encantamento de luz que minha avó havia me ensinado.

– *Loet... não, léoth... Espera, ai Deus. L-léohtfætels-ábied!*

O ambiente foi inundado por um brilho claro e lá estava Abe, deitado quieto contra a parede oposta com alguma coisa escura e assustadora empoçando a palha. Corri em sua direção com o coração na boca e me ajoelhei a seu lado no chão empoeirado, segurando sua cabeça.

– Desculpa. Você está bem?

Ele tossiu, cuspiu sangue no chão, depois se sentou com dificuldade e se apoiou contra a parede.

– Jesus, mulher! – Sua voz era rouca. – Bastava dizer “não, estou com dor de cabeça”. Teria resolvido.

– Abe! – Saber que ele estava vivo trouxe de volta toda a raiva, agora ainda mais intensa por estar misturada ao alívio. – Você devia me treinar, não me induzir a causar dano físico.

– Fui obrigado – ele murmurou com a boca cheia de sangue, que cuspiu com cara de nojo. – Caso contrário, você não teria movido um dedo, teria? Eca, por que sangue tem sempre esse gosto rançoso?

– Está tudo bem? Precisa de um médico?

– Médico? Você deve estar brincando, não é? Estou bem. É só uma hemorragia nasal, vai parar em um segundo. Poderia ajudar, em vez de ficar aí parada como uma garota acanhada na balada.

– Ah, cala a boca – falei, mas toquei seu rosto e me esforcei para ajudar seu corpo a se curar. O fluxo de sangue diminuiu um pouco, e eu acrescentei: – A propósito, por que disse que foi *obrigado*? Eu estava fazendo o melhor que posso.

– Não estava. – Abe agarrou meu braço para se apoiar e ficar em

pé. Havia palha e sangue em seu jeans rasgado. – Estava enrolando com aqueles encantamentos de que sua avó tanto gosta. Não ia desistir enquanto não fosse forçada, então... eu a forcei.

– Não precisava me atacar sexualmente – respondi, irritada, e saímos tropeçando para o ar frio da noite.

– Foi o melhor em que consegui pensar. – Abe me olhou de lado e sorriu. – Era um cenário de vitória certa. Se não gostasse, ficaria furiosa o bastante para realmente fazer um estrago, e, se gostasse... bem, vantagem para nós dois.

– Cala a boca – resmunguei. A raiva em minha voz deve ter ecoado clara, porque ele ficou em silêncio.

Andamos lentamente até o carro dele através do bosque iluminado pelo luar, e eu senti meu rosto frio e a raiva desaparecer. Afinal, não era culpa de Abe se meu coração ainda estava tão machucado que o menor contato físico me fazia virar um porco-espinho. Não era culpa dele eu ainda não conseguir ter total acesso à minha magia sem ser rasgada pela mais crua emoção. E não era ele o culpado por eu estar começando a gostar um pouco demais dos nossos treinos de luta. Não gostei de notar a alegria evidente e intensa que me inundou quando senti o corpo dele voando contra a parede do celeiro.

O remorso me fez subir na ponta dos pés para tocar o rosto de Abe quando ele parou ao lado do carro para procurar as chaves. Ele se virou com uma expressão surpresa.

– Por que isso?

– Por me aguentar. Sei que deve haver coisas mais divertidas para fazer em uma sexta-feira à noite.

– Humph. – Ele abriu a porta, depois se acomodou no banco do motorista sem esconder a dor. – Bom, eu não estaria aqui se não quisesse estar, acredite.

– Eu sei. – Sentei no banco do passageiro e fechei a porta com cuidado. Força demais e a maçaneta saíria na minha mão. – Mesmo assim... não precisa fazer isso... me ajudar, quero dizer. Obrigada. Queria poder fazer alguma coisa por você em retribuição.

– Não quero sua gratidão. – A voz dele soava irritada.

Não falei nada enquanto ele manobrou o carro e fez algumas

curvas até tomar a direção de Winter, mas, quando chegamos à estrada e o silêncio se prolongou carregado de sentimentos não declarados, eu não consegui me conter.

– O que você *quer*, então?

Ele não disse nada, só se virou para olhar para mim na penumbra do carro, os olhos negros fixos nos meus num olhar duro que primeiro me deixou desconfortável e, depois, com o passar dos segundos, absolutamente em pânico.

– Abe, olha para a frente – eu disse finalmente. – Abe... Olha para a droga da estrada!

– Tudo bem. – Ele olhou para a frente, para a escuridão.

Somente quando saímos do meio das árvores para a estrada costeira eu percebi como o tempo havia mudado. Quando entrei no celeiro, começava uma noite fria de primavera. Agora havia uma névoa que vinha do mar e ondas quebravam aos pés do penhasco. Um manto branco começava a pressionar o para-brisa, refletindo os faróis do carro e devolvendo a luz. Quando olhei pelo vidro de trás, vi que a luz da lanterna era uma muralha vermelha como a boca do inferno e tremulava a cada vez que o pé de Abe tocava o freio, reduzindo a velocidade na medida em que a neblina ia ficando mais densa.

Vi o ponteiro do velocímetro cair para trinta, depois para vinte, e depois para menos ainda. A estrada acompanhava o precipício e seria muito fácil errar uma das curvas fechadas no meio da neblina e mergulhar no mar. Eu havia sobrevivido a dois afogamentos, mas até a sorte de uma bruxa tem que acabar em algum momento.

– Que noite horrível! – Abe falou finalmente, e foi um alívio perceber que não havia mais raiva em sua voz. – Esse tempo não é normal. – Ele girou os ombros com desconforto dentro da jaqueta. – Tudo errado. Vai... contra a natureza climática, de algum jeito. Consegue sentir? Tipo, a neblina com esse vento. Não devia...

Ele parou de falar quando um barulho choroso rasgou o ar da noite, ecoando nos penhascos e me fazendo pular assustada. Senti o carro engasgar, resultado do movimento instintivo do pé de Abe sobre o freio. Em seguida ele riu.

– Maldito alerta de neblina. Moro aqui há oito anos e ainda me

assusto. Parece uma vaca gigante morrendo em trabalho de parto.

O som se repetiu, um uivo longo e agudo que me causou um frio na espinha. Pensei em todos os pescadores na água, debruçados sobre o mostrador luminoso de um GPS, espiando em meio à névoa em direção à segurança do porto. Pensei em... não, bani esse pensamento. Agora não. Não aqui no carro com Abe. Eu não podia.

– Quer me encontrar amanhã para uma revanche? – Abe perguntou, interrompendo meus pensamentos.

Balancei a cabeça.

– Não posso. Amanhã vou a Londres.

– Hum. Vai ver a vovó, é?

– Sim, se quer mesmo saber.

– Está bem perto de se meter em confusão com aquela gente. – Ele balançou a cabeça, e a luz do luar cintilou no piercing da sobrelha quando uma ruga marcou sua testa.

– Não é da sua conta – respondi com tom seco.

– Tem razão. – A voz soou dura. – Não é. Mesmo assim, não deixo de pensar que vai acabar encrencada.

– Escute, não tenho opção.

– Porque é parente da velha?

– Não, porque... – Percebi que respirava depressa. Por que eu me dava ao trabalho de justificar meu comportamento para Abe? Por que me incomodava com o que ele pensava sobre mim? – Porque eu... decidi fazer alguma coisa. Estou procurando minha mãe.

Abe virou a cabeça de repente.

– Acha que é uma boa ideia?

– Eu tenho que tentar! – O desespero em minha voz me surpreendeu. – É *necessário*. Não posso passar a vida toda sem saber se ela ainda está por aí, se morreu, se tirou sua própria vida, sei lá.

– Por que acha que vai ter mais sucesso que seu pai e sua avó e todas as pessoas que já tentaram encontrá-la? Se está em algum lugar por aí, ela não quer ser encontrada, isso é óbvio.

– Tenho mais informações que eles. Meu pai e minha avó tinham metade do cenário cada um. Eu sei muito mais. Por exemplo, sei que ela voltou ao quartel-general dos Ealdwitan depois de ter

supostamente desaparecido.

– Tem certeza? – A voz de Abe demonstrava seu ceticismo. – Pelo que você me contou, ela fugia deles como se a própria vida dependesse disso. Por que voltaria ao quartel-general deles?

– Não sei. Mas uma pessoa a viu pular da doca de St. Saviours alguns dias depois de ela ter desaparecido. Pensaram em suicídio, é claro, e vasculharam o rio, mas não encontraram corpo algum. Contudo, eu olhei o mapa e percebi...

– Que St. Saviours é onde o Neckinger entra no Tâmis, uma das entradas para o quartel-general. – concluiu Abe. – Seus dedos batucavam sobre o volante com energia inquieta. – Mas isso não explica por quê.

– Eu sei. Por isso tenho que voltar lá. Eles devem ter algum tipo de registro, algum tipo de equivalente bruxo de um circuito interno de câmeras. Tenho que examinar os arquivos deles, descobrir o que ela fez.

– Você é maluca – Abe respondeu. – Anna, pelo amor de Deus, não faça nenhuma bobagem. Eles quase mataram você uma vez, chega, é o suficiente. Se for pega mexendo nos arquivos...

– Não serei – garanti. – E agora tenho Elizabeth do meu lado, não se esqueça. Se for preciso, tenho certeza de que ela vai me proteger.

– Acredita que sangue é mais forte do que água? – Ele me encarou com seus olhos escuros e indecifráveis. Depois olhou novamente para a estrada, a luz fraca do painel iluminando seu rosto sombrio, firme, e a linha rígida de sua boca. – Eu não contaria com isso, Anna. Não com relação aos Ealdwitan, pelo menos.



– Eu ouvi barulho de carro? – Meu pai saiu da cozinha quando bati a porta ao entrar.

– Sim. Abe me trouxe – respondi.

– Hum. – Ele se absteve de comentar. Eu sabia em que estava pensando, Abe não era exatamente o amigo ideal. Ele fumava, bebia e falava palavrões, e não fazia muito esforço para esconder

tudo isso quando estava perto do meu pai. Ele também era... bem, eu não sabia ao certo quantos anos ele tinha. Não era surpreendente que meu pai não ficasse muito feliz com essa amizade. Mas, ao mesmo tempo, Abe havia colaborado muito para me manter inteira depois que... depois que Seth partiu.

Pensar no nome dele ainda me fazia sentir como se alguma coisa me rasgasse por dentro, como se pequenos pontos se rompessem. Era difícil acreditar que fazia... o quê? Oito, dez semanas desde que ele foi embora? Dois meses. Parecia uma eternidade e ontem, tudo ao mesmo tempo.

Meu pai havia preparado meu prato favorito e conteve o impulso de me dizer para crescer e superar porque, quando minha mãe desapareceu, ele havia passado pela mesma coisa, porém de um jeito muito pior. Em vez de me criticar, ele apenas cozinhava, me confortava e me deixava tentar superar no meu ritmo. E Emmaline havia me animado, brincando e me incentivando a voltar para a escola com a força necessária para impedir que minhas notas desabassem completamente. Juntos, eles me ajudavam a seguir em frente. Mas Abe... Abe me deixava furiosa. E me fazia rir. E me fazia *sentir* outra vez. E meu pai sabia disso.

Um cheiro delicioso vinha da cozinha e, quando abri a porta, respirei o ar pesado de um aroma que me fez ficar com água na boca. Meu pai estava na frente do fogão, mexendo alguma coisa em uma panela, e o cheiro de manteiga e temperos me envolveu.

– Uau, o que tem aí?

– Moong dal. Achei que ia gostar.

Eu gostava. Era uma das poucas coisas que ainda me faziam sentir muita, muita saudade de Londres. Winter tinha um restaurante chinês que entregava em casa, mas nenhum indiano, e havia momentos em que eu sentia muita falta da nossa velha casa de curry em Notting Hill.

– Que delícia! O que estamos comemorando?

– Ah, nada de mais. Sexta-feira, o fim de semana, o fim das aulas. O que vai fazer amanhã? Quer ir comigo a Brighthaven? Vou buscar algumas coisas para El... – Ele fez uma pausa breve antes de concluir. – Uma amiga. Quer ir?

Eu suspirei.

– Tudo bem, pai. Pode falar o nome dela. – Havia muita coisa em Winter que me fazia lembrar de Seth, e evitar mencionar o nome de Elaine não tornava a situação menos óbvia. Além do mais, eu simpatizava com Elaine. Sabia que ela se preocupava com Seth tanto quanto eu. Gostava de ouvir meu pai falar sobre ela.

– Está certo, desculpe. Enfim, quer ir comigo? Você andou falando que precisava de um jeans novo.

– Preciso. Mas não posso ir. Combinei um encontro com Elizabeth no fim de semana. Vou dormir lá, lembra?

– Ah. – A expressão de meu pai se tornou fechada, reservada. Ele olhou para a panela. Eu sabia que havia sido difícil para ele perdoar velhos erros e aceitar minha avó participando da minha vida. E também havia muita coisa para esquecer, ela se afastou quando minha mãe se apaixonou por meu pai, um homem sem poderes.

– Tem razão, você mencionou alguma coisa, mas esqueci de anotar na agenda.

– Desculpe, eu só... – Parei de falar, e meu pai forçou um sorriso.

– Não precisa se desculpar! É bom passar um tempo com Elizabeth. Ainda me sinto culpado por vocês terem perdido dezoito anos de convivência por causa de...

– Pai. – Segurei a mão dele. – Por favor, não. Não foi sua culpa. Eu entendo, de verdade. – Meu pai havia estado limitado, quase incapacitado de pronunciar o nome de minha mãe, até o encantamento se quebrar quando eu fiz dezoito anos. Agora eu sabia disso. O que ainda não sabia era por quê.



Depois do jantar, ajudei meu pai a limpar a cozinha enquanto ele falava sobre os planos para o fim de semana. Não conseguia me concentrar; o gemido agudo do alerta de neblina continuava invadindo meus pensamentos.

Abe estava certo: havia alguma coisa que não era natural na neblina, no jeito como ela envolvia as árvores e cercava a casa. Olhei para o espesso manto branco do outro lado da janela da

cozinha e me arrepiei, pensando nos marinheiros na água, pensando em...

Não. Afastei o pensamento, enxuguei as mãos e enchi um copo com água.

– Pai, se importa se eu subir? Estou exausta e ainda preciso arrumar a mochila.

Era verdade. O treino com Abe havia me deixado esgotada, e minha avó provavelmente ia querer mais de mim amanhã, embora sua abordagem fosse quase diametralmente oposta à de Abe – cheia de aprendizagem mecânica, livros e memorização. Ela me ensinava como desenvolver a vidência, como adivinhar, mostrava-me a diferença entre feitiço e encantamento. Ela me fez aprender cada uma das Runas Designadas. Ensaiei comigo as Invocações Brilhantes e as Invocações Obscuras, os feitiços para proteger e salvaguardar, e os feitiços para explodir, quebrar e aleijar.

Ela acreditava que a melhor magia vinha dos livros e do aprendizado, e que você podia se livrar dos problemas estudando muito. Enquanto isso, Abe sentia que a magia vinha de dentro, era um instinto melhor do que a memória, e que você não devia nem contar com um feitiço em caso de dificuldade, caso não conseguisse criá-lo por conta própria.

Os dois concordavam sobre uma coisa, porém: eu tinha dezoito anos de negligência para compensar. Tinha poder, mas poder sozinho não faz ninguém poderoso. Para ser poderoso é preciso ter controle e confiança, e eu não tinha nenhum dos dois, um problema que havia sido quase fatal alguns meses antes. Abe e minha avó estavam decididos: se acontecesse outra crise, pelo menos dessa vez eu seria capaz de cuidar de mim mesma.

Meu pai olhava para mim com ar preocupado.

– Parece cansada, meu amor. Vá dormir cedo. Quer uma carona até a estação de trem amanhã?

– Sério? Vou sair cedo – avisei. – Disse a Elizabeth que estaria em Londres no meio da manhã, preciso chegar à estação às oito, no máximo.

– Tudo bem. Prefiro chegar a Brighthaven antes de os estacionamentos ficarem cheios. Deixo você na estação e vou

direto... – Ele fez uma pausa, mas continuou, corajoso: – Para o Âncora pegar Elaine.

– Ah, você vai com ela? – perguntei, surpresa.

– Bem, achei que seria boa ideia, já que você não pode ir. A companhia é melhor que qualquer outra, e se eu for cedo ela ainda consegue voltar e abrir o pub para a hora do almoço.

– Muito bom. – Tentei sorrir. – Boa ideia. Mande um beijo para Elaine. Pergunte a ela... – Parei, mas meu pai sabia o que eu ia dizer.

– Sim, eu vou perguntar se ela tem novidades. – Ele beijou minha testa. – Boa noite, meu amor. Durma bem.

A preocupação no rosto dele me acompanhou enquanto eu subia as escadas e ao abrir a pesada porta de carvalho do meu quarto.

Ele se importava comigo e se preocupava com o que eu fazia a noite toda trancada no quarto. E se preocuparia ainda mais se soubesse a verdade.

As molas da cama rangeram quando eu me sentei, mas não estava pronta para dormir. Ainda não. Em vez disso, apoiei as mãos abertas sobre os joelhos e olhei para o anel de vidro do mar, uma ametista turva à luz do meu abajur. O alerta de neblina soou outra vez e, de repente, tomada por uma tentação irresistível, arranquei o anel e peguei a vasilha de madeira polida que ficava sobre o meu criado-mudo.

Fiquei sentada na cama por um longo minuto, segurando a tigela sobre as pernas e o anel na palma da mão esquerda, respirando depressa. Então, com um movimento rápido, esvaziei meu copo de água na vasilha, joguei o anel lá dentro e aproximei o rosto da superfície. Cheguei tão perto que meu reflexo perdeu o significado, tornou-se uma coleção de luzes refratadas, sem foco. Estava perto demais para as luzes formarem uma imagem única.

Com o tremor das minhas mãos, a água parecia tremular e se mover, entrecortada com os veios da madeira, cada vez que eu expirava. Pequenas ondas se formavam, se encontravam, perseguiam um feixe de luz pela tigela. Então, gradualmente, nuvens começaram a se reunir, a água escureceu e a luz perdeu intensidade, resumiu-se a um barquinho correndo pelo mar,

tentando desesperadamente se manter à frente das ondas enormes que ameaçavam tragá-lo. Quase todas as velas haviam sido rasgadas, e o barco navegava quase com os mastros nus. Consegui ver uma silhueta no leme, um corpo castigado pela chuva e pelo vento, esforçando-se para manter a proa apontada para as ondas.

E eu não podia fazer nada. Nada além de assistir à luta silenciosa, ver a silhueta solitária na escuridão, no meio daquele vasto e hostil oceano.

Fiquei olhando até não poder mais. Então sentei-me ereta e me afastei daquele mundo solitário e varrido pela tempestade.

Meu pescoço estava tão rígido que eu nem conseguia movê-lo. Massageei devagar os músculos tensos enquanto meus olhos se habituavam à luz do abajur, tão quente e suave depois da escuridão da tempestade.

Pesquei o anel no fundo da tigela e joguei a água no vaso da minha violeta africana, tomada por uma mistura de medo e desgosto. Medo por Seth, desgosto por mim, por espioná-lo dessa maneira.

No início eu o vigiava de um jeito quase obsessivo. Essa era parte da preocupação de meu pai depois da partida de Seth: meu hábito de ficar fechada no quarto, com a porta trancada por um feitiço. Contudo, eu não chorava sobre as fotos de Seth, nem as rasgava. Eu praticava a vidência. No início o esforço era inútil; depois, quando passei a usar o vidro do mar para focar a atenção, fui alcançando mais e mais precisão. Nunca soube onde Seth estava exatamente – por qual litoral ele passava, em que porto estava ancorado –, mas sempre conseguia encontrar seu rosto. E isso virou uma obsessão: vê-lo velejar e comer e dormir e chorar. E, em uma noite horrível, ele levou uma mulher para o barco. Ela era linda, com cabelos cor de mogno brilhante, e, quando ela desceu a escada para a cabine, vi a ponta do sarongue que caiu no chão. E depois vi Seth descer atrás dela.

Naquela noite, joguei a tigela pela janela e jurei nunca mais espia-lo. Sentia-me degradada pelo que eu havia feito, e também pelo que Seth fez, apesar de ele não me dever nada. Não mais. Não agora.

Esta noite, porém, com a neblina tão baixa... eu não estava

espiando, só queria ter certeza de que ele estava bem. Não era diferente?

Talvez, mas ainda preferia não ter olhado. O que Seth pensaria de mim se soubesse que eu usava meu poder para espionar? E de que isso adiantava? Eu não podia ajudá-lo. Não podia mudar nada. Só podia espiar enquanto ele enfrentava seus demônios sozinho – e eu lutava contra os meus.

CAPÍTULO DOIS

N*ebolina Fatal Mata Três!*, gritava o anúncio quando subi a escada do metrô, sentindo o nariz inundado pelo ar morno, poluído. *Sul Tomado por Nebolina Mortal*, anunciava a manchete do anúncio e, abaixo, *Três Mortos em Nevoeiro Bizarro*. Os rostos olhavam para mim de um jornal descartado; um homem idoso em Essex, que havia caído de uma escada na neblina, e um jovem casal cujo carro derrapou em uma estrada deserta na reserva central. Nenhuma notícia sobre barcos. No entanto, um ano de vida em Winter me ensinou que, normalmente, navegantes mortos não eram notícia, a menos que as vítimas fossem turistas ricos. Navegantes de verdade – pescadores e marinheiros profissionais – não atraíam interesse pelos riscos que corriam.

O resto da névoa ainda persistia densa e estranha sobre as ruas em Pimlico que eu percorria com passos rápidos. Talvez fosse a névoa, mas Londres parecia, de alguma forma, desconhecida. Era difícil acreditar que eu andava por aquelas ruas movimentadas todos os dias, que o cheiro de fumaça dos carros e o ar morno das grades do metrô haviam sido algo mais familiar que o cheiro do mar e das ostras secando no píer.

Senti uma enorme vontade de estar em Winter, mas ignorei a emoção e segui para a Vauxhall Bridge Road, tentando sufocar o crescente pressentimento com relação ao que estava por vir.

Eu não havia voltado desde a primeira e desastrosa visita – primeira e última. Minha avó esteve em Winter e eu a visitei em sua casa, mas toda vez que ela me pedia para ir ao quartel-general dos Ealdwitan, eu me recusava. Havia feito as pazes com minha avó, mas nunca consegui esquecer as atitudes dos Ealdwitan no ano passado, não com a lápide de Bill ainda limpa e branca no cemitério

de Winter.

Contudo, se eu queria descobrir a verdade sobre mim e minha mãe, tinha que voltar lá. Quando sugeri a visita a minha avó pela primeira vez, não havia parecido nada tão importante, mas agora...

Eu estava no parapeito da ponte Vauxhall olhando para o rodaminho de águas cinzentas lá embaixo, e meu estômago deu um salto mortal.

– Vai, covarde – cochichei para mim mesma, preparando-me para pular. Ônibus percorriam a estrada, e havia uma balsa passando lá embaixo, por isso murmurei algumas palavras e olhei para baixo, para os meus pés, verificando se o feitiço de invisibilidade havia funcionado.

– Houston, aí vamos nós – resmunguei. E pulei.



A primeira coisa que registrei foi o cheiro, como a lembrança de um pesadelo. Quando abri a porta, o ar denso invadiu a antessala, carregado com o odor, a sensação e o gosto de magia, como mil temperos esmagados embaixo dos pés. Eu me encolhi.

Não entre, gritava cada osso do meu corpo. Fiquei parada com a mão na porta de aço reforçado, e o homem sentado atrás da mesa me olhou intrigado. Eu queria muito me virar e correr, mas, em vez disso, dei um passo à frente. Voltei ao centro dos Ealdwitan.

Lá dentro, a atmosfera me envolveu como um grosso cobertor. Senti as camadas de feitiço e contrafeitiço, magia e ilusão se acomodando como um peso físico sobre meus ombros.

– Bom dia. – O homem no balcão me olhou com o que poderia ser um sorriso, se eu desse a ele o benefício da dúvida. – Posso ajudar?

– Hum... obrigada. Vim ver minha avó, Elizabeth Rokewood.

– É claro. – Ele não se abalou. Devia ser de uma das facções rivais. Havia cinco Presidentes e, pelo que minha avó me contou, nunca eram mais que dois de acordo.

Assinei o livro sobre a mesa. O restante de seu escritório era escuro, mas consegui ver fileiras de prateleiras, cada uma delas

ocupada por dúzias e dúzias de livros semelhantes, todos com capas de couro, e um pensamento me ocorreu.

– Você guarda os livros de registros? Com as assinaturas, quero dizer – perguntei.

– É claro. – Ele me olhou de um jeito duro.

– O que tem neles?

– Uma lista de todos os visitantes de cada dia e um relato de ocorrências e reuniões dignas de registro.

– E é possível... hum... as pessoas podem vê-los?

– É claro que não. – Seu olhar agora era de franca desconfiança.

– Por que quer saber?

– Por nada. – Meu coração batia depressa. Quando eu tentava pensar no que dizer a seguir, ouvi uma voz que reconheci e virei para ver minha avó percorrendo o longo corredor carpetado, ditando alguma coisa para a secretária enquanto andava depressa.

– ... diante disso é essencial uma reavaliação da segurança, sublinhe, vírgula, inclusive a suspensão e reemissão de todos os passes e autorizações de acesso válidos no momento, ponto. Parágrafo... Anna! Não, senhorita Vane, é claro que isso não faz parte do memorando. Retomamos mais tarde.

Quando ela me beijou uma vez em cada lado do rosto, senti sua mão fina e carregada de joias tocar meu ombro e inspirei seu perfume amargo.

– Olá, querida. Receio que o dia seja especialmente movimentado hoje. Sorte ter sugerido me encontrar aqui, porque teria mesmo que vir.

– O que aconteceu? – perguntei.

Ela fez uma careta, um arremedo de sorriso, e a pele se distendeu sobre os ossos de seu rosto. Começamos a andar pelo corredor em direção ao escritório dela, o veludo *farfalhando* sob meus pés.

– É uma longa história. Problemas de segurança, associados a eventos recentes e preocupantes. Teremos hoje uma reunião de emergência para tratar dessas questões, e quero que você esteja presente.

– Eu? – Engoli em seco. – Mas...

– Anna, sei que isso é muito mais do que esperava se envolver.

Não queria apresentá-la aos Presidentes desse jeito, mas agora tudo está em andamento. Os Presidentes estão em pânico; acho que este pode ser o momento.

– O momento?

Ela olhou para os dois lados do corredor, depois me empurrou para dentro do escritório e fechou a porta.

– Para responsabilizar Thaddeus Corax.

Thaddeus Corax, que havia ordenado o ataque contra Winter; que havia mandado seus subordinados para me aterrorizar e apavorar meus amigos; que, de acordo com minha avó, era culpado por tudo que havia acontecido em Winter um ano atrás. Ela me prometeu que um dia o confrontaríamos e o impediríamos de tratar mais alguém daquele jeito. Mas agora? Tão rápido?

Elizabeth deve ter lido os pensamentos em meu rosto, porque falou, decidida:

– Thaddeus tem desestabilizado muita gente em toda essa história, Anna. Se temos alguma chance de prejudicar sua autoridade, esse momento é agora.

– Então... Quer que eu fale sobre o ano passado?

– Não, pelo menos por enquanto. Eu o acusei há alguns meses pelo que fez em Winter. A posição dele é imutável, e seu depoimento se mantém; de acordo com Thaddeus, ele enviou um grupo de pessoas para investigar você e tentar convencê-la a parar de praticar magia sem segurança. Os agentes em campo se deixaram levar pelos eventos e se excederam em suas responsabilidades, agindo à revelia de suas ordens e sem seu conhecimento. É muito difícil provar qualquer uma das duas versões.

– Então... por quê? Por que precisa de mim?

– Porque, Anna, você é a última Rokewood. – Seus olhos eram impenetráveis. – E eu estou velha. Porque Corax se agarra à própria mortalidade com uma teimosia que me amedronta, usando métodos nos quais não consigo nem pensar. E porque, quando eu partir, e se as coisas ocorrerem como quer Corax, isso não vai demorar a acontecer, a Presidência vai ser sua responsabilidade.

– Não! – Recuei um passo, tropeçando em uma mesinha de café.

– Não, eu não quero. *Não quero!*

– Mas você *tem* que aceitar. Ou Corax vai instalar um de seus comandados, e nós estaremos perdidos.

Balancei a cabeça ao me imaginar enterrada para sempre naquele labirinto subterrâneo, acorrentada a uma Presidência que não queria, escravizada por uma obrigação que nunca procurei. Imaginei o peso que agora estava sobre os ombros da minha avó sendo transferido para os meus.

– Você é uma Rokewood. – A voz de minha avó era áspera.

– Não, eu sou uma Winterson.

– Você é uma Rokewood. E, Anna, acredite você ou não, existem males maiores que Thaddeus Corax por aí. – O tom de sua voz era sombrio. – Nesse momento, os Ealdwitan, mesmo imperfeitos como somos, são o obstáculo entre seus amigos e esses males.

Meu coração batia acelerado no peito. No entanto, não havia como voltar atrás. Nunca houve, desde a primeira vez que abri as páginas do *Grimório*. Só me restava seguir em frente, às cegas.



O aposento era abobadado, com um teto alto e encurvado cravejado de saliências ornamentadas. Meu relógio dizia que era fim de tarde, mas não havia janelas ali, e as sombras nas vigas sugeriam que poderia ser meia-noite. As luzes de bruxa nos cones presos à parede tremulavam pálidas, projetando uma luminosidade irregular nas paredes de pedra e no encosto entalhado de cada uma das cinco cadeiras imponentes arranjadas em círculo no centro da sala. Quatro delas já estavam ocupadas; aquelas pessoas deviam ser os famosos Presidentes, representantes dos mais importantes clãs de bruxos da Bretanha.

Em torno delas, atrás das cadeiras, reuniam-se seus seguidores espremidos em pequenos grupos nos bancos que formavam arquibancadas. Eu estava sentada atrás da cadeira vazia, com a secretária de minha avó, senhorita Vane, e mais algumas pessoas que eu não conhecia.

– Quem são as pessoas no meio? – sussurrei, aproveitando o

ruído geral de gente se acomodando, organizando papéis e canetas e ajeitando almofadas.

– A mulher sentada na nossa frente, a jovem, aquela é Margot Throgmorton – a senhorita Vane cochichou de volta. – Ela está substituindo o marido, Edward Throgmorton, que é muito velho e está muito doente para comparecer. Se ele morrer, ninguém sabe o que vai acontecer. Margot vai tentar tomar a presidência, tenho certeza, e é bem provável que tenha o apoio de Erasmus Knyvet. Dizem que eles são amantes.

Olhei para o rosto bonito e animado da mulher sobre a qual a senhorita Vane falava e não me surpreendi com os boatos. Ela não podia ter mais que quarenta anos, mesmo que fosse adepta do hábito das bruxas de alisar as rugas. Enquanto a observava, notei alguma coisa se enroscando sinuosamente em torno das pernas de sua cadeira, um animal muito grande para ser um gato. Um lampejo vermelho, e eu o reconheci: uma raposa. Margot Throgmorton abaixou a mão e afagou a criatura atrás das orelhas, e o animal se retorceu de prazer antes de sumir nas sombras embaixo da cadeira.

– O homem ao lado dela é Knyvet – continuou a senhorita Vane. – Ele é muito sério, muito tradicional. A esposa... – ela inclinou a cabeça sutilmente para uma mulher grávida em um dos bancos no alto da arquibancada – a esposa deve parir o oitavo filho deles em maio.

Oitavo? Olhei para o rosto retraído e pálido da mulher, depois para a imagem esguia de Knyvet. Ele parecia uma raposa. Inclinado, falava com Margot Throgmorton de um jeito sigiloso, e cada linha dos corpos sugeria prazer e diversão mútuos.

– Depois dela no círculo vem Charles Catesby – ela continuou, olhando para um homem com abundantes cabelos grisalhos e barba loira com reflexos brancos. – Ele é um velho amigo de seus avós.

– E o último homem? – perguntei com a garganta seca.

A senhorita Vane me olhou por um instante.

– Sim. O último homem é Thaddeus Corax.

Olhei pela penumbra da sala para a parte de trás da cabeça dele. Era um homem pequeno, encarquilhado, impossivelmente velho. Há muito tempo eu o odiava e temia. E agora lá estava ele.

Enquanto eu olhava, ele se virou como se pudesse sentir a intensidade do meu olhar. Dois olhos semicerrados varreram a sala, e eu notei dentes amarelos, um nariz encurvado como um bico, um rosto tão marcado por linhas que parecia esculpido em pedra. Então, ele abaixou a cabeça com um balanço curioso e olhou novamente para o círculo.

A última a sentar-se foi minha avó, e eu a vi se mover para ir ocupar seu lugar. Havia uma estranha sensação de opressão em meu peito. Era como... carinho. Amor, até. Mas isso era impossível, certamente. Como amar alguém tão dura, tão altiva quanto minha avó?

Talvez fosse por ela parecer estranhamente frágil. Ela era velha, sessenta, talvez até setenta anos. E não havia um grama de carne extra sobre seus ossos. Os pulsos eram só pele e tendões, os anéis pareciam pesar nos dedos finos. O cabelo ainda negro estava preso num coque impecável tão pesado que me dava a impressão de que o pescoço não poderia sustentá-lo. Ela havia sido uma mãe firme, eu sabia. Dura com a filha. E seria rígida comigo também, se eu deixasse. Mas agora, vendo seu pescoço se curvar sob o peso de toda sua autoridade e maldade, eu compreendia que ela havia sido ainda mais dura consigo mesma.

– Vamos começar a reunião – falou Thaddeus Corax com uma voz áspera e rouca que ecoou pela sala, e o silêncio foi imediato. – Como sabem, estamos aqui para discutir o ataque que aconteceu ontem à noite contra o nosso litoral.

– Ataque? – cochichei para a senhorita Vane.

– A neblina – ela sussurrou de volta. – Shh.

– Acreditamos que a neblina foi um mecanismo de teste – Corax continuou –, um precursor, se preferirem, para um ataque futuro que pode causar estrago maior. Até onde podemos dizer, a névoa propriamente dita não causou danos, mas sua presença é motivo de grande preocupação, ela não devia ter conseguido penetrar essas praias. Mil anos de feitiços e contrafeitiços deviam ter repellido a névoa. Por alguma razão, esses feitiços falharam.

– E que razão sugere que seja, meu colega Presidente? – perguntou Knyvet com uma voz fluida como óleo.

– Traição! – retumbou Charles Catesby, cuja voz ecoou nas vigas e causou um sobressalto entre os espectadores. – Traição! Um espião na fortaleza.

– Espere, espere, Presidente Catesby. – Corax levantou a mão. – Ainda não temos provas disso. Mas é verdade que a neblina parece ter se concentrado em cada ponto fraco de nossa defesa, e isso é muito preocupante. É quase como se quem a mandou tivesse acesso a informações privilegiadas sobre essas defesas e pudesse criar e apontar uma arma para penetrá-las.

– Quase? – Margot Throgmorton ronronou do outro lado da sala com sua voz sedutora. – Por que “quase”, Presidente Corax? De acordo com o relato, entendo que a questão não é só a neblina de ontem à noite. Documentos desapareceram, feitiços confidenciais foram revelados, mensagens foram interceptadas e nunca chegaram ao destinatário. Sou só... – ela baixou a voz – uma substituta, mas, para mim, a situação é bem clara. Ainda assim, não acredita na existência de um espião?

– Desculpe... – Pela primeira vez Corax parou para pensar no que diria. Ele levantou os olhos, observando em volta como se estivesse surpreso. – Desculpe, senhora, se tenho dificuldade para acreditar na traição de alguém tão próximo do círculo que tem conhecimento de segredos importantes. Desculpe-me por ser um velho que confia nos amigos.

Confiar? Quase bufei. Thaddeus Corax parecia nunca ter confiado em ninguém, homem, mulher ou criança, desde o dia em que nasceu.

Vi que minha avó pensava a mesma coisa. A boca estava pressionada em uma linha fina e sem cor, e as mãos cheias de anéis se apertavam com tanta força sobre as pernas que as articulações estavam ainda mais pálidas.

– Teria que haver um motivo muito forte, Presidente Corax – ela falou pela primeira vez, com tom sombrio. – Um motivo muito forte, realmente. Alguém no centro de um poder tão grande arriscar tanto para ganhar... o quê? Segurança? Contra um adversário, talvez?

Seus olhos estavam fixos nos dele, mas Corax não se abalou.

– Ou talvez ajuda para derrubar um inimigo, Presidente

Rokewood? – A resposta dele foi fria. – Há muitas possibilidades.

– Amigos, amigos... – A voz de Knyvet era suave, insinuante. – Não devemos discutir entre nós. Unidos venceremos, divididos cairemos. Não é o que dizem?

– De fato, caro amigo. – Corax cobriu a mão de Knyvet com a dele, e seu rosto grave se retorceu em uma expressão que deduzi ser um sorriso. Contudo, minha avó não sorriu, e, quando Corax estendeu a mão livre, ela não retribuiu o gesto.

– Nossa casa já está dividida – minha avó falou com frieza. – A única dúvida é onde está essa linha divisória. Amigos ou não, fomos traídos; há uma fissura em nossa fundação, e ela vai nos dividir em dois. E, enquanto não soubermos onde está a rachadura, como poderemos nos proteger?

– O que propõe, então, Presidente Rokewood? – A voz de Margot Throgmorton agora era menos sedutora, e havia impaciência em seu tom. – Em vez de profetizar a desgraça, talvez possa nos sugerir alguma atitude?

– Bloqueio – minha avó anunciou sem rodeios. Houve uma comoção imediata na sala, mas a voz dela se ergueu sobre o coro de desaprovação e consternação. – Revogamos todos os passes. Cancelamos todas as autorizações de segurança. Reemitimos cada uma delas individualmente com base em uma política severa de informações detalhadas. E observamos para determinar o momento em que o vazamento de dados recomeçar.

– Isso é absurdo – Knyvet protestou, impaciente. – Presidente Rokewood, vai nos fazer perder tempo discutindo entre nós, em vez de olharmos para o verdadeiro inimigo.

– E quem é o verdadeiro inimigo, Presidente Knyvet? – minha avó perguntou.

Um silêncio tenso caiu sobre a sala. Tive a impressão de que todos esperavam, como se aguardassem um martelo cair.

Mas, antes que Knyvet pudesse responder, uma enorme explosão sacudiu a sala.

As luzes de bruxa nas paredes tremularam, quase se apagaram, como se um terrível golpe houvesse atingido a fonte de sua energia, e, por um momento, ouvi uma forte corrente de água à nossa volta,

como se os rios corressem muito próximos, tentando romper as correntes e recuperar seus poderes. A sala se tornou uma caverna escura, tremulante, cheia de gritos e choro.

No centro da sala, os Presidentes se levantaram e olharam em volta, preocupados.

– Por favor, acalmem-se todos e fiquem sentados! – Thaddeus Corax ordenou com voz ríspida. Suas palavras foram ignoradas. Pessoas corriam em todas as direções.

A senhorita Vane levantou-se, mordeu o lábio e segurou meu ombro com firmeza.

– Anna, fique aqui, entendeu? Fique aqui até eu voltar. Serão só cinco minutos, mas preciso ir verificar... tenho que descobrir o que...

– Vá – eu disse. – Eu vou ficar bem.

– Só cinco minutos – ela repetiu com determinação. E depois desapareceu, após subir os degraus para a porta da sala.

Por um momento, fiquei ali sentada com os ouvidos zumbindo por causa da explosão. Depois, corri atrás dela.

CAPÍTULO TRÊS

O corredor estava quase deserto, mas, de longe, no fundo do labirinto, eu ouvia os gritos e o trovejar de feitiços e encantamentos. Era persistente a sensação de uma ilusão desgastada – eu sentia como se pudesse pressionar com a mão o papel de parede de damasco vermelho, mergulhar o braço até o ombro na imundície e no lodo do rio.

A senhorita Vane corria com passinhos elegantes e sumiu além de uma curva à esquerda no corredor. Eu esperei colada à parede e, quando tive certeza de que ela havia desaparecido, virei à direita.

Estava torcendo para lembrar o caminho. O quartel-general dos Ealdwitan era um quebra-cabeça, e eu tinha apenas uma vaga lembrança de sua configuração. Passei por duas salas que reconheci e, por um momento, comecei a me sentir confiante... até chegar a um beco sem saída. Havia duas grandes portas de vidro na minha frente; além delas, uma catedral de vidro abobadado – uma estufa gigante cheia de árvores e plantas tropicais.

Droga, droga. Virei-me e senti o suor escorrendo pelas costas, e ouvi novamente o anúncio firme da senhorita Vane: “cinco minutos”.

Comecei a correr.

Depois do que parecia muito mais que cinco minutos, encontrei a mesa da recepção e o livro que eu havia assinado tão recentemente. E, como eu esperava, a mesa estava abandonada, e o escritório atrás dela estava vazio e escuro.

Meu coração batia na garganta, batia tão forte que, por um minuto, foi difícil respirar. Contudo, ignorei a sensação e passei por cima da mesa, batendo dolorosamente o tornozelo na madeira polida. Sufoquei um grito e mergulhei na caverna do outro lado.

A sala estava escura, muito escura, e procurei o interruptor de luz

antes de lembrar onde eu estava.

Estendi a mão e respirei fundo, tentando me acalmar.

– *Léohtæls-ábíed!*

Uma luz branca e fria tremulou na palma de minha mão, iluminando a sala.

Havia livros empilhados à minha volta, pilhas tortas nas prateleiras, nas mesas, no chão... Por onde começar? Cinco minutos. O aviso ecoava em minha cabeça quando desandei a ler a caligrafia rebuscada nos dorsos.

Registro Diário 1808, Registro Diário 1809... Muito velhos. Notei um *1947* sobre uma prateleira empoeirada. Estava chegando mais perto. Olhei para a ponta da prateleira... *1968...* Um pouco mais adiante... Droga! *Registro Diário 1716*. Eles nunca ouviram falar em ordem?

O suor escorreu para dentro dos meus olhos e a luz de bruxa tremulou e se apagou em minha mão. Praguejando, olhei para minha palma e ela se acendeu novamente.

Registro Diário 1978 – Bom, legal! *1979... 1981... 1992...* e de repente, lá estava. Tirei o livro da prateleira com mãos ansiosas e deixei a luz ganhar força novamente quando o abri, tentando manter a palma virada para iluminar a página. Janeiro, fevereiro... ia contando nos dedos. Seis semanas a partir do meu aniversário, então... dezesseis de janeiro... Um, dois, três... Primeira semana de março, bem perto. Virei mais algumas páginas do livro e fui lendo as listas de nomes. Nada. Nenhum que eu reconhecesse.

Estava quase fechando o livro tomada pelo desgosto quando, de repente, uma sombra passou pela lâmpada do corredor, e eu preendi a respiração. A luz de bruxa em minha mão perdeu força e morreu bruscamente, e eu me encolhi no canto da sala, quase sem respirar.

No entanto, a sombra seguiu em frente, e eu soltei o ar num suspiro aliviado. Então, de repente, me dei conta.

– Sua idiota – resmunguei. É claro! Quando meu pai disse seis semanas, ele se referia ao meu nascimento *verdadeiro*, não ao falso. Seis semanas a partir de seis de janeiro. Isso significava... terceira semana de fevereiro.

Minhas mãos tremiam tanto que a luz de bruxa em minha palma

projetava sombras sobre o papel grosso. Fui virando página após página... Vinte e um de fevereiro, nada. Vinte de fevereiro, nada. Deslizei o dedo pela coluna de nomes do dia dezanove: *Franklin, Adelstrop, Restorick, Vandellen, Menton, Vane, Ayckbourn... Rokewood.*

Meu dedo parou. Ela havia estado aqui.

I. Rokewood. 11h45, entrada Neckinger.

E uma anotação no pé da página, antes do início do novo registro referente ao dia 20 de fevereiro: *hoje houve uma lamentável ocorrência na biblioteca: o vandalismo contra um de nossos mais valiosos volumes, o Codex Angelis. Uma página inteira, "O Enigma da Epifania", foi arrancada. É muito difícil acreditar que um dos membros presentes nesta data foi responsável pela destruição.*

Coincidência? O pensamento pairava no ar enquanto a luz de bruxa tremia e ganhava força na palma da minha mão. Impossível.

Então, uma sombra surgiu sobre a página e uma voz acusadora soou atrás de mim.

– Quem é você e o que está fazendo aqui?

Pulei e deixei o livro cair das minhas mãos com um estrondo que lembrava um trovão.

– Eu...

A luz invadiu a sala quando o desconhecido acendeu sua própria luz de bruxa, envolvendo a minha com um brilho muito mais forte.

– Você!

Nós dois nos espantamos.

Era um homem – um garoto, na verdade, apenas alguns anos mais velho que eu – vestindo um impecável terno cinza. O cabelo castanho e liso brilhava iluminado pela luz de bruxa. E eu o conhecia. Há alguns meses ele salvou minha vida – e eu não tinha ideia de quem ele era, exceto pelo primeiro nome.

– M... Marcus? – gaguejei.

– Saia – ele disse, apressado. – O arquivista vem vindo. Não vai querer que a vejam aqui.

– Obrigada! – respondi.

– *Vai!* – ele insistiu.

Não precisei de mais incentivo.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma bruxa solitária (Trilogia Winter)" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).